

APRESENTAÇÃO À TRADUÇÃO BRASILEIRA DO PREFÁCIO DE *HACIA EL ANÁLISIS AUTOMÁTICO DEL DISCURSO*, DE MICHEL PÊCHEUX

Fábio Ramos Barbosa Filho¹
Marilene Aparecida Lemos²

O texto a seguir foi publicado como prefácio do livro *Hacia el análisis automático del discurso*, lançado na Espanha em 1978 pela editora Gredos e traduzido pelo renomado lexicógrafo Manuel Alvar Ezquerra, professor da Universidad Complutense de Madrid³.

A edição contém dois textos: *Analyse automatique du discours*, publicado em 1969; e *Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours*, escrito em coautoria com Catherine Fuchs e publicado em 1975. O prefácio presta-se, sobretudo, a corrigir um importante *desvio* teórico, segundo as palavras do próprio Pêcheux: o da permanência, em alguns trabalhos, da noção psicossociológica de *formações imaginárias* (FI), retificada por Pêcheux nos textos pós-1975. O conceito de FI – evocado apenas no texto de 1969 e em um texto posterior de 1971, escrito em coautoria com o historiador Gerard Gayot⁴ – cumpre o expediente teórico de estabelecer, na *Analyse automatique du discours* (AAD-69), uma teoria das *condições de produção do discurso* (CP) ou, nos termos de Pêcheux, uma teoria da colocação dos protagonistas do discurso no escopo dos processos de significação.

Na *Analyse automatique du discours*, a noção de FI tanto ocupa quanto obstaculiza o lugar de uma compreensão propriamente materialista do imaginário, ou melhor, o lugar de uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica) que só seria formulada de modo rigoroso em 1975, sobretudo no *Mises au point et perspectives à*

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

² Pós-doutoranda no DECLAVE – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Instituto de Letras – UFRGS, sob a supervisão do Prof. Dr. Fábio Ramos Barbosa Filho.

³ Não se tem notícias do original, em francês, do texto intitulado “Advertencia”, de Michel Pêcheux. Na “Nota del traductor”, do livro *Hacia el análisis automático del discurso*, Manuel Alvar Ezquerra faz menção à finalização da tradução do primeiro texto, que compõe o livro, em 1974. Sinaliza que, depois disso, traduziu o segundo texto, a pedido de Pêcheux. Durante esse período, Pêcheux lhe enviou uma série de correções e modificações ao primeiro texto — as últimas foram em 1976, um pouco antes da apresentação da obra definitiva em espanhol. Pêcheux escreveu o texto “Advertencia”, em 1975, a fim de publicá-lo nessa edição espanhola e, possivelmente, foi enviado ao tradutor junto a outros manuscritos relativos à organização e adequação da obra.

⁴ GAYOT, Gérard; PÊCHEUX, Michel. Recherches sur le discours illuministe au XVIIIe siècle: Louis-Claude de Saint-Martin et les « circonstances ». In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 26^e année, n. 3-4, 1971. p. 681-704.

propos de l'analyse automatique du discours e no *Les vérités de La Palice*. A noção de FI, ancorada na teoria das representações sociais da psicologia social, impõe ao texto de 1969 uma compreensão pré-psicanalítica do sujeito e do imaginário, encaminhando o conceito de CP na AAD-69 a uma teoria psicossociológica da representação ou projeção dos lugares ocupados pelos protagonistas do discurso na estrutura social.

Embora Pêcheux tente resolver esse impasse optando por uma diferenciação entre *lugar* (social) e *posição* (discursiva), não há, de fato, uma compreensão psicanalítica (ou mesmo materialista) da subjetividade e do imaginário no texto de 1969. A esse respeito, Jean-Jacques Courtine (1981, p. 22, tradução minha) chega a dizer que

os termos “imagem” ou “formação imaginária” poderiam perfeitamente ser substituídos pela noção de “papel”, tal como esta é utilizada nas “teorias do papel”, herdadas da sociologia funcionalista de Parsons ou mesmo do interacionismo psicossociológico de Goffman. Os pares nocionais lugar/formação imaginária, ou situação (objetiva)/posição (subjetiva) se sobrepõem estreitamente aos pares status/papel da sociolinguística de Bernstein ou posição social/papel do funcionalismo e etnologia (por exemplo em Radcliffe-Brown). A tentativa de definição geral esboçada em Pêcheux não é, portanto, capaz de romper com as origens psicossociológicas da noção.⁵

Portanto, o conceito de FI (que subsidiava em 1969 o conceito de CP) ocupava o lugar de uma dupla lacuna: 1) ausência de uma teoria materialista da formação do sujeito, ocupada por uma incipiente teorização psicossociológica da subjetividade; 2) ausência de uma teoria materialista do imaginário ou, para retomar a expressão do próprio Pêcheux (1988 [1975], p. 125), de uma teoria “da relação do sujeito com aquilo que o representa; portanto, uma teoria da identificação e da eficácia material do imaginário”⁶.

Na autocrítica que fazem da AAD-69, Catherine Fuchs e Pêcheux reconhecem que as FI, tal como foram formuladas em 1969, “deixam amplamente aberta a possibilidade de uma interpretação ‘interpessoal’ do sistema das condições de produção”⁷. Os autores dizem ainda que:

⁵ COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. In: *Langages*, 15^e année, n. 62, 1981. Analyse du discours politique. p. 9-128.

⁶ PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 1988 [1975], p. 125.

⁷ PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani et al. Campinas: Ed. da Unicamp, 2010 [1975], p. 169.

[...] os processos discursivos, como foram aqui concebidos, não poderiam ter sua origem no sujeito. Contudo, eles se realizam necessariamente neste mesmo sujeito. Esta aparente contradição remete na realidade à própria questão da constituição do sujeito e ao que chamamos seu assujeitamento. Sobre este ponto, impõem-se certos esclarecimentos em relação às formulações ambíguas que o texto de 1969 fornecia, principalmente referentes às “condições de produção”: essa ambiguidade residia no fato de que o termo “condições de produção” designava ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a “situação” no sentido concreto e empírico do termo, isto é, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientemente colocados em jogo, etc. No limite, as condições de produção neste último sentido determinariam “a situação vivida pelo sujeito” no sentido de variável subjetiva (“atitudes”, “representações” etc.) inerentes a uma situação experimental. Podemos agora precisar que a primeira definição se opõe à segunda como o real ao imaginário, e o que faltava no texto de 1969 era precisamente uma *teoria deste imaginário localizado em relação ao real*. Na falta dessa localização era inevitável (e foi o que efetivamente se produziu) que as relações de lugar fossem confundidas com o jogo de espelhos de papéis interiores a uma instituição, o tempo aparelho, introduzido acima, sendo ele mesmo indevidamente confundido com a noção de instituição. Em outros termos, o que faltava e o que ainda falta parcialmente é uma teoria não subjetiva da constituição do sujeito em sua situação concreta de enunciador.⁸

Em 1975, portanto, Pêcheux abre mão da categoria de *formações imaginárias* e não volta a utilizá-la. Desde então, é a teorização althusseriana do assujeitamento ideológico que lhe permite construir um conceito de subjetividade adequado à sua teoria do discurso, assentado em uma reflexão sobre a *ligação material* do inconsciente com a ideologia.

Finalizo esta breve apresentação com uma observação que julgo fundamental tanto do ponto de vista histórico/institucional quanto do teórico. Michel Pêcheux publicou mais de sessenta textos entre 1966 e 1983⁹ e, felizmente, todos os livros, capítulos de livros e artigos necessários à compreensão do seu projeto teórico-político foram traduzidos para o português. O Brasil é, afinal, o país em que sua obra conheceu maior difusão e desenvolvimento, sendo aqui, e não na França, que a análise de discurso produz, desde a década de 1980 até os dias de hoje, os trabalhos mais criativos e

⁸ PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani *et al.* Campinas: Ed. da Unicamp, 2010 [1975], p. 169-170, grifos meus.

⁹ PÊCHEUX, Angélique. Bibliographie des travaux de Michel Pêcheux. *Mots*, n. 13, p. 195-200, octobre 1986. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/mots_0243-6450_1986_num_13_1_1314. Acesso em: 01/03/2024.

epistemologicamente relevantes. Isso se deve, sobretudo, à importante atuação político-institucional e teórica de Eni Orlandi na Universidade Estadual de Campinas.

No entanto, para melhor compreensão da amplitude epistemológica da obra de Pêcheux, é fundamental considerar não apenas os livros, capítulos de livros e artigos célebres, mas também prefácios, entrevistas, resenhas e artigos menos conhecidos. Esses textos podem ser particularmente úteis no desdobramento, no ajuste ou na retificação de questões específicas, possibilitando a montagem de um arquivo teórico no interior do qual é possível avaliar os conceitos e os procedimentos heurísticos a partir de um tensionamento de diferentes movimentos de uma formação teórica.

Considerando que mais de vinte textos de Pêcheux (representando quase quarenta por cento de sua produção bibliográfica) ainda não foram traduzidos para o português, podemos falar, sem exageros, em uma lacuna nada negligenciável. Essa lacuna é sintomática na *Advertência*: dos cinco textos citados por Pêcheux, apenas um foi traduzido e publicado no nosso país¹⁰. É também por isso que a tradução do texto em questão possui grande valor. Ela oferece contribuições epistemológicas fundamentais para um campo que, apesar de ter fundamentos sólidos, não se assemelha a um modelo matemático de talhe estável e permanece em constante estado de experimentação desde sua fundação. É, portanto, fundamental discutir e aprofundar um debate sobre as bases epistemológicas da análise de discurso, que não pode ser manualizada para fins didáticos ou de aplicação, sob o risco do ecletismo que sempre nos conduz para o conteudismo.

¹⁰ PÊCHEUX, Michel; WESSELIUS, Jacqueline. A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária: 3 organizações estudantis em 1968. In: ROBIN, Régine. *História e Linguística*. Tradução Adélia Bolle com a colaboração de Marilda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 265-282.

ADVERTÊNCIA¹¹

Os dois textos que o leitor encontrará a seguir foram reunidos com o intuito de apresentar o desenvolvimento de uma pesquisa que se apoia na “análise do discurso”, aprofundamento que, como veremos, está muito longe de estar concluído.

Teria sido artificial, portanto, querer modificar a posteriori o primeiro texto (escrito em 1967-1968 e publicado em francês em 1969 por Éditions Dunod sob o título de *Analyse automatique du discours*)ⁱ à luz do segundo (escrito em 1973 com a colaboração de C. Fuchs, e publicado em 1975 no número 37 da revista *Langages*, dedicado à *Analyse du discours; langue et idéologies*).

Damo-nos por satisfeitos em indicar em notas os pontos que revisamos criticamente no primeiro texto. Na medida do possível, tentamos especificar a natureza e a relevância dessa revisão remetendo-a ao segundo texto, intitulado *Actualizaciones y perspectivas a propósito del análisis automático del discurso*ⁱⁱ.

Certamente que este ou aquele aspecto corre o risco de aparecer como alusivo ao leitor espanhol, apesar de todos os cuidados que foram tomados. De fato, é importante salientar a existência de vários textos, não reproduzidos aqui, que sinalizam de 1969 a 1975 os avanços da questão e que são reiteradamente evocados na segunda parte deste livro. Podemos citar:

— Diferentes estudos concretos realizados com o auxílio da análise automática do discurso desde 1971.

— Trabalhos que abordam desde a simples apresentação à discussão crítica e que se referem tanto às posições expostas em 1969 quanto aos estudos concretos conhecidos naquele momento. Destacam-se, entre outros, o livro de R. Robin, *Histoire et linguistique* (Paris, Colin, 1973)ⁱⁱⁱ, e o estudo crítico de S. Fisher e E. Verón, “Baranne est une crème”, publicado no número 20 da revista *Communications* (Paris, 1973).

— E textos que traduzem o desenvolvimento de nossas próprias investigações sobre essas questões, teórica e metodologicamente. Trata-se essencialmente dos títulos a seguir:

— Cl. Haroche, P. Henry, M. Pêcheux, “La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours”^{iv}, publicado em 1971, no número 24 da revista *Langages*.

¹¹ Traduzido por Marilene Aparecida Lemos. Pós-doutoranda no DECLAVE – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Instituto de Letras – UFRGS, sob a supervisão do Prof. Dr. Fábio Ramos Barbosa Filho.

— Cl. Haroche e M. Pêcheux, “Manuel pour l’utilisation de la méthode d’analyse automatique du discours (AAD)”¹², publicado em 1972, na revista *T. A. Informations*.

— M. Pêcheux, *Les vérités de la Palice. Linguistique, sémantique, philosophie*^v publicado em 1975 na coleção “Théorie” de Éditions Maspéro.

Desejamos que o leitor de língua espanhola possa, em um caso ou outro, consultar esses diferentes trabalhos (exaustivamente reunidos na bibliografia final, p. 359). Pensamos, no entanto, que o confronto entre os dois textos contidos neste volume proporciona por si mesmo uma compreensão dos diferentes aspectos (teórico-metodológicos, filosóficos e, em certos aspectos, políticos) da evolução que dessa forma está comprometida.

Resumimos as principais características dessa evolução, tal como são apresentadas hoje:

1) Registramos, em primeiro lugar, que o primeiro texto se apresenta retrospectivamente afetado por um desvio “sociologista”, até certo ponto “psicossociologista” que, embora tivesse o mérito de se opor com muita eficácia ao formalismo espontâneo de toda semântica “geral” ou “universal”, deixava amplamente aberta a possibilidade de uma *sociolinguística dos discursos* atribuir a cada classe social (ou fração de classe) “seu discurso”, inscrito em seus próprios “papéis”, “representações”, “imagens”, etc. O risco era de uma *posição reformista na teoria* que, como lembra o filósofo Louis Althusser, para o reformismo “as classes existem *antes* da luta de classes, independentemente da luta de classes, e a luta de classes somente existe *depois*”¹³.

A noção de *formação discursiva*, e o estudo de seu funcionamento constitutivamente contraditório como *processo* discursivo-ideológico que se desenvolve sobre a *base* linguística, começa a permitir-nos corrigir esse desvio. Pelo menos, o leitor poderá fazer um julgamento a partir da leitura do segundo texto que aqui apresentamos. Além disso, destacamos o trabalho no qual tentamos aprofundar essas questões com maior rigor; refiro-me à obra *Les Vérités de La Palice*, a que aludi anteriormente.

2) Ao mesmo tempo, o leitor poderá observar que aparecem inúmeras lacunas ao colocar em prática a teoria linguística. Não deixarei de insistir no fato de o texto de 1969 ter representado, do ponto de vista linguístico, um primeiro contato, extremamente

¹² A sigla AAD é equivalente à *análisis automático del discurso*.

¹³ “Les classes existent *avant* la lutte des classes, indépendamment de la lutte des classes, et la lutte des classes existe seulement *après*”. L. Althusser, *Réponse à John Lewis*, Paris, Maspéro, 1973, p. 29.

rudimentar e teórico; convém, pois, não tomar ao pé da letra, nem considerar como soluções definitivas, as disposições, terminologias etc., que se encontram registradas nesse texto. Desde essa data, o sistema de análise sintática está em constante reelaboração, o que aos poucos vai produzindo inconsistências terminológicas que somente podem ser superadas por uma total reestruturação linguística. Não quisemos mascarar essas incoerências mediante uma unificação arbitrária e prematura. De fato, a leitura do segundo texto mostrará que, tendo em conta o estado de desenvolvimento das pesquisas linguísticas, especialmente sobre a difícil questão do vínculo *linguístico* entre sintaxe e semântica, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar tal reestruturação.

O que apresentamos é, portanto, um “taller” linguístico, com as questões que levanta, mais que um procedimento globalmente sistemático; desejamos ardentemente sermos lidos a partir dessa perspectiva.

Digamos, para concluir, que um programa para computador em linguagem Fortran existe desde 1971; atinge os objetivos gerais definidos em 1969, mas com meios por vezes muito diferentes em detalhe dos algoritmos que havíamos previsto. Ainda assim, limitamo-nos a indicar em nota, no interior do primeiro texto, os pontos que foram suprimidos ou modificados.

Com a ajuda desse programa, foram realizados vários estudos, editados ou não.

Dentre os estudos publicados, podemos citar:

— M. Pêcheux, “Étude expérimentale de conditions déterminant la plausibilité d’une théorie psychologique”.

— Cl. Haroche e M. Pêcheux, “Étude expérimentale de l’effet des représentations sociales sur la résolution d’une épreuve logique à présentation variable”.

— G. Gayot e M. Pêcheux, “Recherches sur le discours illuministe au XVIIIe siècle, Louis-Claude de Saint-Martin et les *circonstances*”.

— M. Pêcheux e J. Wesseliuss, “A propos du mouvement étudiant et des luttes de la classe ouvrière: trois organisations étudiantes en 1968”^{vi}.

— G. Gayot, “Discours fraternel et discours polémique”^{vii}.

Citemos, por outro lado, um artigo que será publicado em breve:

— M. Pêcheux, P. Henry, J. P. Poitou e Cl. Haroche, “Un exemple d’ambiguïté idéologique: le Rapport Mansholt”.

Acrescentemos, por fim, que está sendo realizado um trabalho de reelaboração matemática e informática, cujo objetivo é desenvolver um novo sistema de tratamento.

Finalmente, assinalaremos, mais uma vez, o caráter inacabado deste empreendimento realmente “pluridisciplinar” que, sob formas específicas, faz apelo à teoria das ideologias e ao materialismo histórico, à linguística em seu estado atual de desenvolvimento e aos diversos ramos da matemática.

M. Pêcheux

Paris, dezembro de 1975.

ⁱ PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani *et al.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1990 [1969].

ⁱⁱ PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução Bethania S. Mariani *et al.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1990 [1975].

ⁱⁱⁱ ROBIN, Régine. *História e Linguística*. Tradução Adélia Bolle com a colaboração de Marilda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977.

^{iv} HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul; A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. Tradução Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. Araraquara: Letraria, 2020. p. 17-39.

^v PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1988 [1975].

^{vi} PÊCHEUX, Michel; WESSELIUS, Jacqueline. A respeito do movimento estudantil e das lutas da classe operária: 3 organizações estudantis em 1968. In: ROBIN, Régine. *História e Linguística*. Tradução Adélia Bolle com a colaboração de Marilda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 265-282.

^{vii} GAYOT, Gérard. Discurso amistoso e discurso polêmico. In: ROBIN, Régine. *História e Linguística*. Tradução Adélia Bolle com a colaboração de Marilda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 247-264.